



CHUVAS EM MINAS GERAIS

Tragédia em Capitólio deixa mortos e feridos

Cânion desabou, atingindo lanchas no lago de Furnas. Acidente matou ao menos 7 e feriu mais de 30 — três estão desaparecidos

» FERNANDA STRICKLAND
» CECÍLIA EMILIANA
» DÉBORAH LIMA
» GUILHERME PEIXOTO
» MARIANA COSTA*

As chuvas contínuas em Minas Gerais causaram sustos, mortes e estragos nas últimas 24 horas. Um deslizamento em paredão de rochas em ponto turístico de Capitólio, no lago de Furnas, Região Centro-Oeste de Minas, a 276 quilômetros de Belo Horizonte, atingiu quatro embarcações, matou ao menos sete pessoas e deixou dezenas de feridos. Segundo o Corpo de Bombeiros, pelo menos três pessoas ainda estão desaparecidas nas águas e buscas retomam hoje. A Marinha do Brasil abriu inquérito para investigar as causas da tragédia. Um vídeo que circula nas redes sociais mostra o momento em que um grande bloco de pedras desaba na água. Também em Minas, o transbordamento de um dique em Nova Lima interditou a BR-040 e assustou os moradores com o soar das sirenes da barragem.

Houve, ainda, alagamentos e o desabamento de uma casa em Belo Horizonte e uma morte em Betim. Além disso, a situação das estradas no estado está caótica, com interdições nas principais BRs do estado. A Polícia Rodoviária Federal pediu “muito cuidado” e que as pessoas evitem viajar.

O incidente em Capitólio teria começado com uma “cabeça d’água” na região dos cânions, provocando o desabamento de pedras e estruturas rochosas, que atingiram ao menos quatro embarcações — duas afundaram. O Corpo de Bombeiros de Minas Gerais afirmou que a corporação foi acionada por volta do meio-dia por funcionários que trabalhavam nas proximidades da ponte do Turvo. Eles relataram aos agentes a ocorrência da cabeça d’água na região dos cânions, que teria provocado o rolamento das pedras. As causas do acidente ainda não foram elucidadas.

De acordo com o comandante do Corpo de Bombeiros de MG, coronel Edgard Estevo, as buscas pelos desaparecidos continuam, mas o trabalho dos mergulhadores que atuam no local do acidente foi interrompido no fim da tarde “para segurança das guarnições”, disse o coronel.

Os bombeiros calculam que as pedras caíram de mais de cinco metros de altura. O porta-voz do CBMG, tenente Pedro Aihara, informou que entre os mortos três são mulheres e quatro homens. Ninguém havia sido identificado até o fechamento dessa edição. Um dos problemas na identificação dos corpos decorre da falta de documentos das pessoas que se encontravam nas lanchas atingidas pela rocha.

Dos mais de 30 feridos contabilizados, 27 foram atendidos e liberados: 23 deles da Santa Casa de Capitólio e outros quatro da Santa Casa de São José da Barra, a 46 km de Capitólio. Outras quatro pessoas, ao menos, seguiram internadas: duas com fraturas expostas foram para a Santa Casa de Piumhi, a cerca de 23 km do local do acidente; duas seguiram internadas na Santa Casa de Passos, a 74 km de Capitólio; a terceira pessoa que estava internada em Passos foi para um hospital particular — por isso, os

Banhistas avisaram sobre queda do paredão minutos antes

Reprodução/Redes sociais



“Sai, sai rápido, aquele pedaço vai cair”. Esse foi um dos apelos feitos por banhistas que estavam na região dos cânions, em Capitólio, e perceberam que a rocha iria se desprender. Um vídeo impressionante flagrou o momento em que a pedra se desprende, cai na água e atinge as embarcações. Outra gravação compartilhada pelas redes sociais mostra a conversa entre turistas que estavam em uma lancha mais afastada da queda d’água momentos antes

da tragédia: “Aquele bloco está saindo. Aquele pedaço vai cair. Sai. Mano do céu! Rápido! Ou! Ou! Sai daí, gente. Vai cair”. Logo após, a rocha cai com violência na água e causa uma tromba d’água. “Puxa lá, puxa pra lá, puxa, puxa”, diz uma voz masculina, pedindo para que a lancha fugisse da onda. Outro vídeo mostra mais um grupo de banhistas no local do acidente. “Não tem como fugir. É muito poderoso esse negócio”, diz uma turista. Nas imagens, que

viralizam nas redes, um grupo de banhistas está em uma lancha e começa a alertar as outras embarcações sobre os riscos de ficar no local. “Sai daí é perigoso”, diz uma mulher. “E você acha que eles vão sair?”, responde outra. Em outro momento do vídeo, um homem grita: “Sai daí... sai daí gente” e nenhuma embarcação se move. “É muito surreal... olha aquilo, que perigo... Olha ali... não dá tempo de fugir”, filma a mulher.

bombeiros não têm informações sobre o estado de saúde dela.

O porta-voz do Corpo de Bombeiros também disse que das quatro embarcações que sofreram impacto no momento do desprendimento da rocha, duas foram diretamente atingidas.

Ao menos 40 militares permaneceram no local da tragédia, ontem, entre bombeiros de Passos, que fica 74 km de Capitólio, Piumhi, a 23 km da localidade, além de membros da Marinha, até o anoitecer, com previsão de volta hoje. As guarnições contam com mergulhadores, além de aparato técnico especializado, como o helicóptero Arcanjo 08, equipado com estrutura de evacuação aeromédica para transporte de vítimas em estado grave.

O prefeito de Capitólio, Cristiano Silva (PP), gravou um vídeo se solidarizando com parentes e vítimas da tragédia. “Estamos todos transtornados com esse desastre natural. Estamos em estado de choque e somos solidários com a família dos feridos e mortos”, disse ele no vídeo, divulgado na conta da prefeitura no Instagram.

O governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), lamentou o desabamento pelas redes sociais. “Sofremos hoje a dor de uma tragédia em nosso estado, devido às fortes chuvas, que provocaram o desprendimento de um paredão de pedras no lago de Furnas, em Capitólio. O governo de Minas está presente desde os primeiros momentos através da Defesa Civil e Corpo de Bombeiros”, publicou. Zema também prestou solidariedade às famílias das vítimas. “Solidarizo com as famílias neste difícil momento. Seguiremos atuando para fornecer o apoio e amparo necessários”, escreveu o governador.

Onde foi

Rocha se desprende e atingiu turistas em Capitólio-MG. A região fica a 280 km de Belo Horizonte. O acidente ocorreu no condomínio Escarpas, no lago de Furnas.



O presidente Jair Bolsonaro (PL) também comentou a tragédia por meio de mensagem publicada no Twitter. “Tão logo aconteceu o lamentável desastre em Capitólio/MG, a Marinha deslocou para a região equipe de socorro da Força. Desde então a Marinha do Brasil vem atuando no resgate de vítimas e transporte de feridos para a Santa Casa local”.

Alerta

A Marinha do Brasil informou, por meio de nota, que vai abrir inquérito para apurar as causas do acidente. Segundo nota divulgada pela instituição, a Delegacia Fluvial de Furnas (DelFurnas) deslocou, imediatamente, equipes de Busca e Salvamento (SAR) para o local, a fim de prestar o apoio necessário às tripulações envolvidas no acidente, no transporte de feridos para a Santa Casa de Capitólio, e no auxílio aos outros órgãos atuando no local.

A Defesa Civil de Minas Gerais

emitiu alerta de chuvas intensas para o município de Capitólio, com possibilidade de ocorrência de chuvas nas horas antes do acidente.

No comunicado, o órgão orientava, ainda, que as pessoas evitassem as cachoeiras no período de chuvas. “Chuvas intensas na região com possibilidade de ocorrência de cabeça d’água nos municípios de Capitólio, São João Batista do Glória e São José da Barra. Evite cachoeiras no período de chuvas. Em emergências ligue 199 ou 193”, dizia o alerta.

O órgão deslocou equipes de Busca e Salvamento (SAR), imediatamente para o local, após o ocorrido, para prestar apoio às tripulações envolvidas e no transporte de feridos para a Santa Casa de Capitólio.

Conforme o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), Furnas não tem licenciamento ambiental até hoje. Há alguns anos, o MPMG entrou com uma ação na Justiça. “Se a Lei 15.258,

21/07/2004, que dispõe sobre a exploração econômica do turismo em represas e lagos do estado fosse cumprida, o acidente poderia ter sido evitado”, disse uma fonte ao *Estado de Minas*.

Nova Lima

Um dique da Mina Pau Branco, da Vallourec, transbordou na manhã de ontem, na cidade de Nova Lima, na Grande BH. A água reservada pela estrutura invadiu a BR-040, que liga Belo Horizonte ao Rio de Janeiro. Sirenes foram acionadas e a rodovia teve que ser totalmente interditada.

De acordo com o Corpo de Bombeiros, o transbordamento aconteceu por causa do excesso de chuva. A corporação informou ainda que não houve rompimento de barragem. A Vallourec e do Ribeirão Arrudas. Segundo a Defesa Civil de BH, as vias foram bloqueadas antes do alagamento. Pela manhã, o órgão emitiu um alerta de chuva de 120 a 160 mm com raios e rajadas de vento em torno de 50 km/h válido até as 8h de hoje. No início da noite, parte de uma casa caiu no bairro São Pedro. Na cidade de Betim, um homem de 38 anos, morador da região de Citrolândia, ficou soterrado em casa. Ele foi socorrido por vizinhos ainda com vida, mas morreu no Hospital da Colônia Santa Isabel.

Em Belo Horizonte, a Avenida Tereza Cristina alagou no início da tarde de sábado, após o transbordamento do córrego Ferrugem e do Ribeirão Arrudas. Segundo a Defesa Civil de BH, as vias foram bloqueadas antes do alagamento. Pela manhã, o órgão emitiu um alerta de chuva de 120 a 160 mm com raios e rajadas de vento em torno de 50 km/h válido até as 8h de hoje. No início da noite, parte de uma casa caiu no bairro São Pedro. Na cidade de Betim, um homem de 38 anos, morador da região de Citrolândia, ficou soterrado em casa. Ele foi socorrido por vizinhos ainda com vida, mas morreu no Hospital da Colônia Santa Isabel.

*Estagiária sob a supervisão de Andreia Castro

Monitoramento evitaria queda

» CRISTIANE NOBERTO

O monitoramento constante das rochas poderia ter evitado as mortes de turistas ocorridas no lago de Furnas, área turística de Capitólio. Além disso, o período de chuvas intensas em Minas Gerais deveria ter sido motivo de alerta para as autoridades impedirem a movimentação de pessoas no local. Especialistas ouvidos pelo *Correio* afirmam que, apesar de o Brasil ter bom conhecimento sobre questões geológicas no país, ainda falta aplicar os conceitos para evitar tragédias.

“Esse desmoronamento é possível de ser detectado, assim como se monitoram os vulcões. Como você sabe que vai entrar em erupção? Pelo monitoramento. É uma questão característica e poderia ter sido previsto o desastre, mas como não tem monitoramento constante é difícil de detectar quando iria acontecer”, apontou George Sand França, professor do Observatório Sismológico da Universidade de Brasília (UnB).

De acordo com o especialista, a pior característica é “deixar acontecer primeiro para agir depois”. “A gente é um país que enfrenta a desgraça e depois vai atrás do prejuízo, como aconteceu na barragem de Brumadinho (MG). Os grandes cânions precisam ser monitorados por uma equipe específica”, frisou. França também criticou a proximidade dos barcos na encosta, “era um perigo constante”. A interação humana como possível causa é pouco provável. “O ser humano, para fazer isso, precisa explodir muita coisa em atividades de mineração. Mas é tudo muito controlado. Como ali é um cânion, não tem exploração mineral”, disse.

Segundo Joana Paula Sanchez, professora de geologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), ainda que esses deslocamentos de blocos sejam naturais, há como remediar o risco. “Se existisse um mapeamento geotécnico dessa região dos atrativos turísticos já se saberia que essa rocha podia se deslocar, estudava por apenas imagens de vários dias anteriores, vários meses anteriores. Então, o que pode ter sido feito para evitar a tragédia? Não tinha como segurar aquele bloco para ele não cair, mas tinha como não deixar as pessoas chegarem lá próximo de onde ele caiu. Tinha que ter tido uma intervenção de ter fechado mais de um quilômetro antes dessa visita”, pontuou.

“Na verdade, a queda de blocos é um processo natural da dinâmica externa da Terra. Mas envolvendo pessoas, felizmente é mais raro”, afirmou José Eloi Campos, professor do Instituto de Geociências da UnB. Segundo ele, ao analisar as imagens do acidente, as intensas chuvas na região “podem ser concentradas no tempo e no espaço”. Assim, de acordo com o especialista, “a condição climática atual foi um fator importante para que a instabilidade ocorresse”. “Medidas para observar as aberturas de fraturas em rochas, inspeções em períodos secos, além de treinamento de primeiros socorros, bem como proibição das visitas em épocas de chuvas críticas, certamente evitariam a tragédia”, completou o especialista.